



**BLUMENAU
EM CADERNOS**

TOMO XVIII — Nº 2

Fevereiro de 1977

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação Casa Dr. Blumenau torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta revista, recebido de:

Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.
Artur Fouquet - Blumenau
Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
Companhia Souza Cruz - Indústria e Comércio - Blumenau
Conrado Ildfonso Sauer - Rio de Janeiro
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Felix Hauer - Curitiba
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Malharia Maju S/A. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Transportadora Blumenauense Ltda. - Blumenau

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XVIII

FEVEREIRO DE 1977

Nº 2

— S U M Á R I O —

	Página
Genealogia - Família Wagner	38
Documento Histórico	46
Julie Engel	51
Clima Regional da Ilha de Santa Catarina	57

BLUMENAU TEM NOVO PREFEITO

Assumiu á primeiro de Fevereiro, o cargo de Prefeito de Blumenau, o Senhor Dr. Renato de Mello Viana, eleito que foi no pleito de 15 de Novembro, pela legenda do M.D.B

Ao novo Prefeito "BLUMENAU EM CADERNOS" augura uma feliz e proficua gestão.

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: F. C. Allende

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 30,00

Número avulso Cr\$ 3,00 -- Atrasado Cr\$ 5,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 30,00 mais o porte Cr\$ 100,00 total Cr\$ 130,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

GENEALOGIA

JEAN R. RUL

FAMÍLIA WAGNER

— VI —

Na genealogia desta família, que já desenvolvemos em 5 edições de "Blumenau em Cadernos", tratamos, até agora, apenas de Peter Wagner e de seus 4 irmãos mais moços e de toda a numerosa descendência que tiveram. Faltou a descendência do irmão mais velho, Christian Wagner, o menos conhecido, pois não veio ao Vale do Itajaí como seus pais e irmãos. Ficou em São José, o que torna mais difícil a reconstituição de sua vida e de sua descendência.

Em nossa edição de agosto de 1976, fizemos um curto histórico de sua vida e, na de setembro, resumimos informações de 4 de seus filhos e prometemos naquela ocasião que forneceríamos maiores informações antes de terminar a genealogia Wagner.

Estamos agora em condições de apresentar os descendentes de Christian Wagner, entretanto, ficamos perplexos ao constatar quão grande é o número deles, pois somente aqueles que conseguimos identificar, até a quinta geração, somam nada menos que 601 pessoas e deve haver muito mais ainda.

Desta forma, pela restrição de espaço que nos é reservado, estamos impossibilitados de relacionar toda esta numerosa família. Deveremos limitar-nos a mencionar os bisnetos e citar, para estes, apenas a quantidade de filhos e netos que tiveram, pois de contrário fugiríamos também à finalidade básica desta crônica, que reside na divulgação da história antiga desta família, aquela que se refere à época que as gerações atuais pouco conhecem. Os acontecimentos deste século, envolvendo pais e avós, não é mistério e cada um poderá escrever sua crônica particular para orientação das futuras gerações, como se fazia antigamente, anotando nas folhas brancas da Bíblia de família os nascimentos, confirmações, casamentos e falecimentos. Esta Bíblia era transmitida de pai para filho como uma relíquia duplamente sagrada, pois continha também a história da família. Pena que tradições como estas se perderam!

Ao procurar a descendência de Christian, aconteceu algo inesperado, uma sorte rara para o genealogista: o encontro de dois pesquisadores trabalhando em sentido oposto e na mesma família. Se, de um lado, procurávamos localizar os descendentes de Christian, o Dr. Altair Wagner, Prefeito municipal de Chapecó, procurava reconstituir a genealogia Wagner e tinha chegado até Christian, seu trisavô, porém não tinha conseguido descobrir a sua origem e desconhecia a existência de parentes no baixo Vale do Itajaí.

A surpresa foi mútua e foi graças ao trabalho do Dr. Altair, que conseguimos boa parte da descendência de Christian Wagner que passamos a reproduzir. É tudo isto aconteceu porque tivemos a curiosidade de querer saber porque o antigo "Barracão" se chama hoje "Alfredo Wagner", município catarinense localizado entre Ituporanga, Bom Retiro e Rancho Queimado, na estrada de Florianópolis a Lages e no Vale do Itajaí do Sul. Nossa curiosidade foi satisfeita pelo Dr. Norberto Wagner, prefeito municipal de Alfredo Wagner, também trineto de Christian.

A numeração que tínhamos reservada para os filhos e netos de Christian, tornou-se evidentemente insuficiente e, para evitar confusão, daremos a este ramo uma numeração independente dos outros Wagner já apresentados.

II - *Christian Wagner* *1816 aprox., provavelmente em Burbach como seus irmãos. Ele afastou-se da colônia de SPA e fixou residência no Sertão do Maruim, provavelmente em uma região próxima a atual Colônia Santa Teresa. Ele faleceu relativamente jovem e possivelmente antes de 1860, assim como sua esposa, Maria Anna Goedert *1820.

O casal teve no mínimo 9 filhos, porém foi possível encontrar os assentos do batizado de apenas 4, todos registrados em São José. O Dr. Altair Wagner diz que, por tradição de família, Christian teria casado com Maria Koerich. Não é impossível que tenha sido sua primeira esposa, falecida jovem, porém os filhos nascidos entre 1842 e 1849 têm como mãe Maria Anna Goedert.

- F1 - Catharina *1840 aprox.
- F2 - Maria (Marica) *11.7.1842
- F3 - Henrique Christiano *7.9.1844
- F4 - Vicente Christiano *18.12.1846
- F5 - Anna (Aninha) *2.9.1849
- F6 - Helena
- F7 - Leonida
- F8 - Pedro
- F9 - Agnes *3.12.1853.

F1 - *Catharina Wagner* *1840 aprox. Casou com Manoel Koerich e passaram a residir em Garopaba. Pelo que consta, tiveram apenas 1 filho:

N1 - Henrique Koerich *1862 aprox. Palhoça, casado com Olivia Silveira. Pais de apenas uma filha:

B1 - Vergolina Koerich, casada com Evaldo Bach, residem na Palhoça perto da igreja, com um filho.

F2 - *Maria Wagner (Marica)* *11.7.1842, bat. 3 dias depois, em São José. Casou com João Rosar, provável filho de Manoel Rosar e de Maria Winter. Permaneceram na região de S. José onde nasceram seus 5 filhos;

N2 - Manoel Rosar, agente do correio em Aririú, casado com Gertrudes Freiburger, pais de:

- B2 - Tolentino x Filomena
- B3 - Dorvalina x Leopoldo Altof

- B4 - Lola x Leopoldo Altof, viúvo de Dorvalina
 B5 - Aurea x José Pires, 3 filhos
 B6 - Petronila, reside em Fraiburgo.
- N3 - Alfredo Rosar, casado com Ninha Silveira, pais de:
 B7/B12 - Lili, Alfredo (foi para Bom Retiro), Osmar, Neneca, Zico e Waldemar Rosar x Geni
- N4 - Ernesto Rosar, casado com Emilia Schmidt, pais de:
 B13 - Raulino x Neneca Faiguel
 B14 - Raul
 B15 - Olendina x Dorvalino Philippi, 6 filhos
 B16 - Olivia x Cilo Alves.
- N5 - Dorval Rosar, casado com Marta Semann, pais de:
 B17/B19 - Ivo, Silvio e Maria Rosar casada com Brugmann.
- N6 - João Pedro Rosar, casado com Cecília Goedert, pais de:
 B20 - Laudelino †23.10.1967 x Florzina Batista, xx Maria L. Batista, pais de um filho das primeiras núpcias, que foi para Recife.
 B21 - Leopoldo, faleceu sem descendência.
 B22 - Maria *31.1.1900 †1.1.1966 Lontras. x Eloy Mendes, 3 filhos.
 B23 - José Pedro (Zeze) x Dorvalina Garcia. Foi para Campos Novos, pais de 6 filhos.
 B24 - Laura *5.8.1909 †23.5.1974 x João Haecker, reside Rio do Sul, pais de 4 filhos.
 B25 - Olga *10.8.1910 x João Schlemper, Rio do Sul, 4 filhos.
 B26 - Aurea *21.4.1912 x Antonio Dias, sem filhos.
 B27 - Valmor *15.8.1915 x Malvina Marques, sem filhos.
 B28 - Nelson *20.7.1916, faleceu sem descendência.
 B29 - Newton *16.9.1918 x Nilza Antunes *26.4.1932, 8 filhos.
- F3 - *Henrique Cristiano Wagner* *7.9.1844 bat. 29.10.1844 São José onde faleceu cerca 1876. Casado com Maria Caetano Rachadel, falecida cerca 1876. Pais de 5 filhos:
- N7 - Ernesto Henrique Wagner, casado com Catarina Borges dos Santos, residiam perto de Ituporanga, pais de 10 filhos:
 B30/B39 - Velfredo, Avelino, Ermelino, Gervasio, Otavasio, Isaulete x Pedro Franz, Julieta x Francisco Machado, 6 filhos, Euridia, Rainildes e Adília.
- N8 - Henriqueta Wagner x Francisco Felício Sales Pereira, residiam em Anitápolis, pais de:
 B40 - Laudelino Pereira (Lau) x Joana Abreu, 6 filhos.
 B41 - Maria das Neves Pereira x José Medeiros, 2 filhos.
 B42 - Francisca Pereira, casada, mãe de 4 filhos.
 B43 - Noca Pereira x João Batista, 2 filhos.
- N9 - Alfredo Henrique Wagner *28.11.1871 no Sertão do Maruim †20.10.1952 Barracão, hoje município de Alfredo Wagner, onde residia. Seus pais faleceram quando ele tinha 5 anos, assim em 1876 ele foi morar com seus tios e padrinhos (F1) que então residiam na Ponte do Maruim. Depois de alguns anos, seus

padrinhos se mudaram para Garopaba e ele permaneceu com eles até 1889. Tendo apanhado uma surra, por causa de namorada, ele fugiu à pé para SPA. Oito dias depois, sua madrinha tentou levá-lo de volta, porém ele recusou. Em SPA ele aprendeu o ofício de sapateiro e conheceu Julia Freiberger. Casou-se com ela em SPA em 1895. Julia *22.5.1873 SPA †12.5.1951 Barracão. O distrito de Barracão, desmembrado de Bom Retiro, foi elevado a categoria de município em dezembro de 1961. O novo município recebeu seu nome em "homenagem prestada a um homem que, por mais de meio século, se dedicara ao trabalho e, através dele, promovera o desenvolvimento das comunidades que passariam a formar o município". Pais de:

- B44 - Petronilha Wagner *23.4.1896 x José Ibagy *novembro 1894 †25.10.1949, pais de 4 filhos, 24 netos e 25 bisnetos.
- B45 - Ernesto Wagner *1897 aprox. †criança.
- B46 - Olibio Wagner *28.2.1899 †2.3.1973, residia Lomba Alta, mun. de Alfredo Wagner, x cerca 1924 com Santília Schmidt *27.9.1904. Pais de 15 filhos, entre eles, Altair Wagner *20.9.1930, prefeito de Chapecó 1972/77 e Norberto Wagner * 6.5.1941 prefeito de Alfredo Wagner 1972/77, 47 netos e 6 bisnetos.
- B47 - Maria Wagner *1900 aprox. †criança.
- B48 - Alfredo Wagner Junior *28.1.1901, primeiro prefeito eleito do município de Alfredo Wagner 1963/69. Casado com Lidia Belling *3.8.1902, pais de 8 filhos. 29 netos e 7 bisnetos.
- B49 - Tobias Isidoro Wagner *2.1.1904 †11.7.1972 x Isaura Sarda *22.11.1911. Pais de 10 filhos, 24 netos e 2 bisnetos.
- B50 - Alvina Wagner x Evaldo Jung, filho de Jacob Jung e de Catarina Gukert. Pais de 3 filhos e 16 netos.
- B51 - Vergolina Wagner *11.1.1909, casada, mãe de uma filha e 3 netos.
- B52 - José Wagner x Verônica Kalbusch, pais de 10 filhos e 6 netos.
- B53 - Rosa Wagner *22.5.1915 x Lindolfo Cunha, pais de 8 filhos e 2 netos.
- B54 - Celso Marino Wagner *4.9.1916 †10.10.1970 x Ilse Knoll *28.7.1925, pais de 8 filhos.
- N10 - José Henrique Wagner x Laudelina Schilisting, pais de:
- B55 - Adelina Wagner †criança.
- B56 - Maria Emilia Wagner x Alex Krautz, pais de 7 filhos, 46 netos e 22 bisnetos.
- B57 - Nilda Wagner x José Torres, 3 filhos, 8 netos e 2 bisnetos.
- B58 - Matilde (Lula) Wagner x Teobaldo Probst, 3 filhos, 10 netos.
- B59 - Eulalia (Lala) Wagner x Adelino Lückmann, 5 filhos, 4 netos.
- B60 - Adilia Wagner x Adolfo Haverrat, 4 filhos.
- B61 - Balsina Wagner *20.10.1919 x Vergínia de Aquino *26.6.1926 pais de 6 filhos e 4 netos.
- N11 - Henrique Wagner x Julia Steffen, residem Ituporanga, pais de 6 filhos: Maria, Waldemar, Ivone Wagner e mais três.

- F4 - *Vicente Cristiano Wagner* *18.12.1846 S. José, bat. 26.1.1847. Casado
- nome da esposa ignorado - Pai de:
- N12 - Manoel Wagner x Paulina Schmitz, pais de:
B62 - Ari Wagner x Ivone Ferreira. Foi prefeito de Palhoça.
B63/65 - Lalau, sem filhos, Pedro e Maria Wagner.
B66 - Vanda Wagner x Alcidio Althoff *10.2.1921, 5 filhos.
B67/68 - Oscar Wagner e mais um filho não identificado.
- N13 - Roberto Wagner, faleceu solteiro. Era mudo.
- N14 - Henrique Wagner x Verônica Bach.
- N15 - Mimi Wagner x Diogo Maciel.
- N16 - Paulina Wagner
- N17 - Auta Wagner x João Venâncio, pais de:
B69/72 - Lalau, João, Olivia casada com Ivo de Lão e Irineu Wagner.
- F5 - *Anna Wagner (Aninha)* *2.9.1849, bat. 2 dias mais tarde em S. José.
Casou com Mathias Knap. Sem filhos.
- F6 - *Helena Wagner* *1850/52 aprox. Casou com Mathias Frantz, que cre-
mos poder identificar como tendo nascido a 14.9.1842 SPA, filho de
Nicolau Frantz (Franz) e de Maria Ines Conrad. Pais de:
- N18 - Antero Frantz x Maria Duarte. Pais de:
B73 - Ibraim Frantz x Dina Melo.
B74 - Valdir Frantz x Isolete Ferreira, 4 filhos.
B75 - Dario Frantz.
B76 - Luci Frantz x Osni Ramos, 4 filhos.
B77 - Adelaide Frantz x Mario Wildner.
B78 - Zulma Frantz x Kurt, 4 filhos.
B79 - Antonieta Frantz x Wilson de Oliveira, um filho.
B80 - Helena Frantz.
- N19 - Helena Frantz x Julio dos Santos, pais de:
B81 - Azibar dos Santos x Gilda Farias, 2 filhos.
B82 - Paulo dos Santos, casado, 2 filhos.
- F7 - *Leonida Wagner* *1850/52 aprox. Casou com Carlos Gerber. Pais de:
- N20 - Cristiano Gerber x Diba Mansur, com filhos.
- N21 - Fernando Gerber x Biluca, com filhos.
- N22 - Carlos Gerber x Antcha, pais de:
B83/87 - Waldemar, Saul, Edite, Petronilha e Pedro Gerber.
- N23 - Raulino Gerber x Laura, pais de:
B88/91 - Balduino, Raulino, Adelino e Nilsa Gerber.
- N24 - Germano Gerber x Isaura Garcia, pais de:
B92 - Jonas Gerber, casado, 5 filhos.
B93/95 - Ivonete, Ivete e Eliete Gerber.

- N25 - Pedro Gerber, casado, pai de:
B96 - Eurico Gerber.
- N26 - Saul Gerber, faleceu em criança.
- N27 - Cristina Gerber x José
- N28 - Belinha Gerber x Saturnino Schweitzer, pais de:
B97/100 - Eurico, Orlando, Lazaro e Jairo Schweitzer.
- N29 - Isolete Gerber x Jorge Souza, pais de:
B101 - Ari Souza.
- N30 - Olga Gerber x Clemente
- N31 - Leonida Gerber, solteira.
- F8 - *Pedro Wagner*. Pode ter nascido antes de 1840 ou após 1853 ou mesmo em algum ano intermediário. Ele faleceu em SPA a 30.3.1865, sem indicação de idade, constando apenas no assento como "filho de Christiano" o que indica que ele não era casado, pois de contrário teria sido mencionado o nome da esposa.
- F9 - *Agnes Wagner* *3.12.1853 †27.7.1930, datas que constam em sua sepultura no cem. evang. de Fpolis. Ela ali casou a 4.11.1877 - casamento realizado pelo pastor da paróquia evangélica de Sta. Isabel - com Hermann Moellmann *10.2.1846 Remscheid, falecido 10.2.1930 Fpolis., filho de Carl Moellmann (1817-1905) e de Lisete n. Hilberts (1822-1903). Carl Moellmann, esposa e filhos, tinham imigrado em 1861, residindo primeiro na Colônia Sta. Isabel, hoje Rio dos Bugres, SC e, mais tarde, em Fpolis., onde fundou, em 1869, a Casa Moellmann, da qual Hermann foi diretor, após o falecimento de seu pai. (vide Blumenau em Cadernos tomo X, p. 221 a 231: "Cem anos de uma grande organização"). O casal teve 12 filhos, conforme nos informa uma Bíblia da família Moellmann, em poder dos descendentes: (todos nascidos em Florianópolis)
- N32 - Rosalina Agnes Moellmann (Rosita) *8.2.1878. Casou com Otto Ebel. Ela † aprox. 1906 Fpolis. Pais de:
B102/4 - Edla, Emilia e Helena, todas viúvas.
- N33 - Hermann Albert Moellmann (Alberto) *31.5.1879 bat. 11.1.1880 †22.8.1945 Blumenau. Casou 7.9.1907 com sua prima Lilly Ramos *14.3.1886 † 2.1.1971 Blumenau, filha de Francisco Ramos e de Clara Moellmann. Alberto era gerente da filial da Casa Moellmann em Blumenau. Ambos estão sepultados no CEB. Pais de 4 filhas, nascidas em Florianópolis:
- B105 - Carmen Moellmann *6.6.1908 †19.11.1910 Fpolis.
- B106 - Norma Moellmann *3.1.1910, casada com José Ferreira de Barros, general e médico.
- B107 - Carmen Maria Moellmann (Carmita) *18.2.1911, solteira, reside em Blumenau.

- B108 - Silvia Moellmann *22.4.1914, casada com João Gomes da Nobrega, tabelião em Blumenau, onde faleceu a 10.11.1962. Dona Silvia continua administrando o cartório de seu falecido marido.
- N34 - Dorwaldt Moellmann (Durval) *1.2.1881 bat. abril 1883 †26.2.1920 sepultado CEB. Durval instalou em 1919 e dirigiu a filial da Casa Moellmann em Blumenau, porém faleceu pouco depois. Era casado com Julia Branco. Pais de:
- B109 - Zilda *28.6.1906, casada com João Ferreira Sob^o.
- B110 - Zelia, já falecida. Era casada com Lincoln de Souza.
- B111 - Diva, casada com Zamiro Barata Ribeiro.
- B112 - Alvine *23.3.1910 †12.3.1924, sepultada CEB.
- B113 - Arthur, transferiu residência para Curitiba. Casado com Edeltraut Freese.
- B114 - Hilda, casada com Mauro Ribeiro.
- B115 - Ighes (Nezi) * 14.12.1914 x Orlando Dias do Amaral.
- N35 - Carl Moellmann *16.4.1882 bat. abril 1883 †10.9.1885.
- N36 - a 24.9.1883 nasceu uma criança do sexo feminino, que morreu imediatamente.
- N37 - Adele Moellmann (Adélia) *14.2.1885 bat. 12.3.1887 †30.8.1969. Casou a 20.8.1908 com Otto Selinke *13.12.1881 †6.11.1949, pais de 4 filhos:
- B116 - Wally Selinke *23.6.1910. Casou em outubro 1929 com Luis Arnaldo Schweitzer (Lucas) já falecido no Rio de Janeiro, onde ela continua residindo.
- B117 - Ilse Selinke *22.2.1912 (ou 1913) casada a 30.12.1930 com Francisco Hrosek, residem em Florianópolis.
- B118 - Otto Max Selinke *24.1.1916, casado com Helga Voigt, residem no Rio de Janeiro.
- B119 - Alberto Selinke *1.12.1921 †10.10.1974 na Palhoça, porém residia em Florianópolis. Casado com Lourdes..... Todos com filhos.
- N38 - Lucy Moellmann *9.11.1886 bat. 12.3.1887 †28.11.1958 Fpolis. Casou 15.9.1906 Fpolis. com Ernesto Stodieck *17.9.1875 †22.6.1963 Fpolis. onde era comerciante muito conceituado. Pais de 5 filhos, todos nascidos em Florianópolis:
- B120 - Ernesto Stodieck Junior *5.8.1907. Casou 3.9.1936 Blumenau com Vera Ehlke *13.5.1916 Fpolis., filha de Paulo Wilhelm Heinrich Ehlke (1885-1959) e de Elsa Sophie Trinks (*1891). Ernesto foi durante mais de 25 anos diretor da Empresa Industrial Garcia e é atualmente presidente da Distribuidora Catarinense de Tecidos S. A., membro do conselho consultivo da Porcelana Schmidt S.A. e componente da administração da Casa Moellmann em Blumenau, pais de 2 filhos sendo um já falecido.
- B121 - Rosita Stodieck *23.3.1909. Casou a 13.8.1932 com Paulo Rudy Schnorr, falecido a 6.8.1971. Pais de uma filha casada. Reside em Florianópolis.

- B122 - Henrique Stodieck *27.8.1912 †28.8.1973 Fpolis. Casado com Maria da Graça Leite a 13.12.1942. Ele era juiz e professor da Faculdade de Direito em Fpolis. Pais de vários filhos.
- B123 - Edith Stodieck *14.11.1913 †8.12.1914.
- B124 - Walter Stodieck *19.8.1919. Casou em primeiras núpcias a 6.9.1947 Blumenau com Isolde Wahle, filha de Carl Wahle. Pais de 3 filhos. Casou em segundas núpcias a 18.3.1964 com sua cunhada Edeltraut Wahle. Walter é titular da firma Stodieck e Schadrack em Blumenau.
- N39 - Hugo Moellmann *31.5.1889 bat. 9.11.1889 †24.3.1952 em desastre de automóvel em Blumenau, sepultado no cem. evang. de Fpolis. Casou com Francisca...que é a última que ainda vive daquela geração.
- N40 - Elfriede Moellmann *8.1.1891 bat. 26.10.1892 †20.11.1892.
- N41 - a 27.4.1892, uma menina que faleceu 2 horas após nascer.
- N42 - Oswald Arthur Moellmann (Oswaldo) *23.9.1893 bat. 14.1.1894 †20.8.1957 Rio de Janeiro. Casou com Helena Ramos *9.5.1895 Fpolis. †Suíça 19.4.1928, irmã de Lilly, portanto sua cunhada e também sua prima. Oswaldo casou em segundas núpcias com Iracema Barcellos †Rio de Janeiro, tendo duas filhas de cada esposa:
- B125 - Edith Moellmann x Bento Pereira e Oliveira, res. Curitiba.
- B126 - Lucy Moellmann, solteira, reside em Blumenau e presta serviços na Agência da Receita Federal.
- B127 - Aracy Moellmann, casada com Paulo de Freitas Melro, bisneto de Pedro Wagner. Nesta união verifica-se o encontro de dois bisnetos dos irmãos Christian e Peter Wagner.
- B128 - Inês Moellmann, casada com Oswaldo Cordeiro de Farias, filho do general Oswaldo Cordeiro de Farias. Residem no Rio de Janeiro.
- N43 - Reinhold Moellmann (Reynaldo) *1.11.1896 †5.4.1948, solteiro, sepultado no cem. evang. de Fpolis.

Ao terminarmos assim a genealogia da família Wagner, queremos ainda assinalar duas correções que se fazem necessárias:

- 1 - em nossa edição de agosto de 1976, à p. 324 dissemos que Peter Wagner expressou o desejo de ser enterrado no cemitério católico. Foi um descuido de nossa parte. Em realidade ele escreveu em seu testamento que desejava ser enterrado em cemitério "acatólico".
- 2 - em nossa edição de setembro de 1976, p. 372, relacionamos 10 filhos de Andreas Germer e de Catharina Wagner. Em realidade só tiveram 9 filhos. Também por um descuido de nossa parte, incluímos Alfredo Germer (B27) quando este, em fato, é filho de um irmão de Andreas.

Nesta genealogia falta apenas citar a descendência de Dorothea Wagner que casou com Peter Lucas. Esta será apresentada em nossa próxima edição com a genealogia da família Lucas.

DOCUMENTO HISTÓRICO

Tradução do italiano pelo P. Victor Vicenzi

Frei Licínio Korte O.F.M. em 1901, por ocasião das festas da inauguração da igreja de Rio dos Cedros, documentou o histórico acontecimento em diversas folhas de papel almaço, encontradas em 1972, nos alicerces da velha igreja demolida.

O documento ressalta os festejos da nova igreja e o trabalho dos imigrantes italianos tirolezes, que há pouco tinham chegado e colonizado a região.

Numa linguagem rica e fluente de imagens, descreve o evento como um fato excepcional, iniciando-a com uma citação do poeta Petrarca:

“Vergine bella che di sol vestita
Coronata di stelle al sommo sole
Piacesti sì che la sua luce ascose;
Amor mi spinge a dir di te parole”.

Surge a aurora! A manhã é mais encantadora do que todas as outras. Mais puro será o sol ao meio dia, mais suave a tarde que descamba no horizonte. Linda é a primavera em flor, mais lindo, porém, é este dia maravilhoso, onde o fúlgido sol brilha e inunda de luz a negra escuridão que nos rodeia por toda parte.

Suave é a brisa, que com seus bafejos encrespa, move e agita a linda natureza. Mais suave ainda a voz sonora e vibrante que se eleva aos céus de inúmeros lábios, fazendo ecoar pelos espaços imensos, ferindo o ar de suaves harmonias, um grito fremente de viva Maria.

Viva Maria Imaculada, ressoam vozes festivas de amor e de paz. Viva Maria Imaculada, estrojem nos ares num frêmito de júbilo, surgido sem fim de todas as partes e de mil corações. A própria natureza, com seu mudo e misterioso silêncio, parece convidar-nos a louvar e exaltar a Virgem Imaculada Mãe de Deus.

Acontecimento maravilhoso! Eis inundado de sol e de luz o dia venturoso, que o povo do “Cedro” há cinco lustros esperava ansioso e paciente. Como uma púdica e avermelhada papoula, espalha ao redor dos corações um suave perfume, excitando lágrimas de sentimento e emoção, demonstra como ele, numa constância proverbial e pertinaz, pôde sair do mar encapelado para a praia tranquila de onde feliz e contente, contempla as águas traiçoeiras e perigosas.

Assim se pode imaginar como é grande o brio desse povo, que construiu e levou a bom termo a ereção da igreja tão desejada, objeto contínuo de suas conversações, desde o início da chegada a estas paragens encantadoras. Também não é para se admirar se não se vê um rosto que não sorria, ou uma boca que não manifeste satisfação.

Parece até, que a voz de nobre personagem chame a todos de amigos e em colóquios confidenciais, insinuando-se em seus corações, lhes

diga: Olhai, ó filhos, para onde eu vos indico! Olhai ao longe com os olhos da mente os cinco lustros da vossa ininterrupta estada nesta terra. Fazei uma pausa e considerai a antítese das diferenças que existiam então com as de agora.

Há cinco lustros, esta região era uma assustadora floresta, onde os galhos das árvores curvos e confusos em arcos altaneiros, a muito custo permitiam filtrar aqui e acolá um lânguido raio de luz em dia de sol. Hoje o olhar atento se confunde em qualquer parte aonde quer que se dirija. Lá ao longe ele descortina florestas abatidas, pastos e flores. Aqui e ali, colonos abandonando o velho sistema da enxada, introduzem o atuante arado puxado por garbosos cavalos. Ao nosso redor surgem edificios, casas de comércio e casas em estilo europeu. Por toda parte avança o progresso que vai transformando essa região em panoramas sucessivos de encantadora beleza.

Naquela época os nossos ouvidos eram aturdidos pelo alegre chilrear dos pássaros em constantes revoadas e pelo rugido das onças, que rodeavam as residências, assaltando e roubando a nossa criação. Hoje somos alegrados pelos instrumentos musicais, pela melodia dos cantos sacros e pelo bimbalar festivo dos sinos.

Quem de nós ao ver tudo isso não fica convencido da extraordinária diferença? A própria imaginação bastaria para persuadir-nos da grandiosidade dos fatos. Mas deixemos e voltemos ao nosso argumento.

Aquilo que mais dignamente poderá completar e coroar a nossa convicção, será por certo o de lançar mais uma vez o olhar sobre a amena e sorridente colina onde se ergue a majestosa igreja, qual baluarte às planícies espalhadas ao seu derredor. Parece mesmo que a natureza quisesse, brincando, revestir-se de magnífico aspecto, como convém a uma igreja emoldurada de encantos e belezas naturais. Realmente imponentes são aqui os panoramas que se descortinam do alto da colina em festa. Tudo é altivo e deslumbrante.

Há cinco lustros, este lugar era um covil de onças. Hoje aí se levanta uma igreja dedicada à morada de Deus. Era a residência de bárbaros homens. Hoje se torna o lugar de amor fraterno e da vida social. Aqui se erguiam os altares fumegantes aos falsos simulacros. Agora espalha-se o incenso, que sobe aos céus levando consigo os nossos afetos e as nossas orações.

Mas quem é esse povo? Ou melhor, de onde veio essa gente forte e altaneira? As diversas localidades (Valate), isto é, Rio dos Cedros, Pomeranos e Caminho dos Tiroleses, foram colonizadas desde 1875 e 1876.

Os primeiros imigrantes que chegaram a Blumenau, foram alemães. Depois chegaram os tiroleses e os italianos, que colonizaram as terras de São Paulo (Acurra), Guaricanas, Aquidaban (Apiúna) e Lontras. De Lontras, porém, tiveram que fugir devido ao clima insalubre. Em quase todas as "Valate" se encontram imigrantes de diversas nações; mas os tiroleses e italianos, por causa da língua que falavam, eram considerados uma única nacionalidade.

Os primeiros imigrantes tiroleses que chegaram aqui, foram aqueles que formaram as comunidades de Santo Antônio em Pomeranos, Doze em Rodeio e uma parte do Caminho Tiroleses.

Ao findar o ano de 1875, chegaram os imigrantes de Encruzilhada, "Crosara" (atual Pomeranos Médio), Rio dos Cedros, Rodeio 11, Rodeio 1, o restante do Caminho Tiroleses e Maria Madalena (atual Pomeranos Central e Alto).

Os imigrantes tiroleses provinham do Império Austriaco, enquanto que os italianos eram das províncias de Trento (Áustria), Belluno e Vicenza, do Reino da Itália.

Uma vez chegados à colônia, iniciaram com toda a coragem e entusiasmo, a derrubada da mata para o preparo da terra e a construção de suas primeiras moradias.

Inicialmente suas experiências foram dirigidas para o cultivo dos cereais, da sericultura e da videira. Mas como isso não trouxesse resultado satisfatório devido às inúmeras dificuldades, abandonaram desanimados esse tipo de cultura. Perdida a esperança por causa desse fracasso, passaram a cultivar o milho em grande escala, cujas safras apresentaram melhores vantagens.

Entretanto essa quase monocultura, também, não resolveu seus problemas econômicos e como o bom marinheiro, na tormenta, ostenta sua audácia, assim a esses colonos, no decurso de poucos anos, afundando sempre mais no déficit anual, foi necessário recorrer a um novo expediente. Isto aconteceu no ano de 1885, quando introduziram o cultivo do fumo.

A nova experiência aos poucos, foi introduzida por todos os povoados e sua produção atingiu logo de início a 1.200 quintais.

Para melhorar e levar adiante a nova situação econômica, Andrea Largura, italiano, morador em São Bernardo, promoveu entre os colonos a fundação de uma sociedade com o fim de exportar o seu novo produto agrícola para a Europa e de modo particular para a Alemanha.

Surgiu assim um novo e estranho conforto. Havia 10 anos aqueles colonos estavam sepultados no olvido, abandonados e esquecidos na floresta. Agora se comunicam com outros povos do hemisfério ocidental, fazendo-se conhecer e tomando consciência de seus valores. Eles já não temem ir ao encontro dos seus conterrâneos e audaciosos enfrentam novos melhoramentos agrícolas.

Decididos e valorosos no cumprimento dos seus deveres, não esqueceram o consórcio humano e o entrosamento cordial com os patrícios que ficaram na Europa. Essa gente deixou a pátria a procura de melhor vida, para depois voltar a ela enriquecida e viver tranquila sobre a conquista da fortuna.

No entanto, não foi assim como esperavam. Para aqueles imigrantes estava reservado um outro destino, uma outra sorte. Se não repatriaram, é evidente que a Divina Providência havia decretado, que essa fértil terra estava reservada para eles, como último baluarte dos seus avós, com o fim de perpetuar aqui a sua vova descendência até a mais remota posteridade.

Esse povo destinado a cumprir tais acontecimentos e experimentar condições miseráveis de vida primitiva, deixou a sua pátria, mas não deixou de ser cristão. Tomou posse deste lugar circundado de povos de outras confissões religiosas, mas nem por isso deixou a sua Fé profunda, trans-

mitida "ab antiquo", através dos seus antepassados. Isto é um orgulho para ele; mas não é tudo.

A lembrança de ter deixado na sua pátria aqueles templos tão majestosos para nunca mais revê-los, aquela magnificência da nossa religião, aquelas harmonias festivas dos órgãos, a suavidade dos cantos sacros e o festivo bimbalar dos sagrados bronzes, lhes dá impulso e forças para vencer.

Mas ainda não basta. Aqui não lhes era permitido ver senão céu e eterna floresta virgem, habitada pelos bugres e animais selvagens, horrível e impressionante em si mesma.

Aqui, outra coisa não se ouvia, a não ser o bulício das aves, o rugido das onças e o enfadonho coaxar das rãs. Que situação tremenda!

O que mais o povo lamentava e sentia, porém, era aquela triste e amarga privação dos socorros espirituais, quando viam os seus enfermos esquecidos e sem recurso, partirem deste mundo para a eternidade sem nenhum conforto da nossa Fé cristã.

Essa deplorável situação permaneceu assim durante 20 anos. Lágrimas amargas inundaram toda essa terra, derramadas inutilmente sobre tão triste situação, que em geral pressagiava outra mais funesta ainda.

Mas Deus não abandona os seus míseros mortais. A Igreja, qual mãe afetuosa, ouvia os gemidos dos seus filhos, desde a longínqua Blumenau, vindo ao seu encontro trazendo para eles o seu conforto espiritual.

Quando choravam, ela preparava o pano para lhes enxugar as lágrimas e se eram órfãos, abandonados e sem pão, lhes preparava um asilo tranquilo e acolhedor.

Entretanto é preciso notar que neste tempo passado no infortúnio, os imigrantes italianos não foram totalmentes abandonados.

Em 1876 tiveram uma rápida visita do R. P. Boegershausen, de Joinville, que celebrou a primeira Missa, nestas sombrias florestas, no Caminho dos Tiroleses, nº 17.

Em 1876, tiveram mais uma visita dos R. P. Jesuitas de Nova Trento. Neste mesmo ano, chegava a Blumenau o P. Vigário, José Maria Jacobs, onde estabeleceu sua residência e daí visitava regularmente as capelas de 3 em 3 meses. Deve-se, entretanto, anotar aqui, que, no decurso dos 5 primeiros anos da chegada dos imigrantes, todos os povoados já haviam construído suas primitivas capelas.

A comunidade do "Cedro" erigiu a primeira capela em 1879, usando estacas fincadas no chão, entrelaçadas de cipó e fechada com folhagens do mato.

Em 1882, foi construída a segunda capela de madeira, tipo enxaimel, que serviu também de escola até o dia de hoje.

Em 1884, o povo adquiriu na Europa a estátua da excelsa Padroeira. Em 1884 ainda, pelo decreto das autoridades competentes, deveria ser erigida aqui no "Cedro", uma igreja conventual (convento franciscano) e em Pomeranos uma residência estável; mas como nenhuma das duas comunidades entraram em acordo, ou melhor, como não era essa a vontade de Deus, o projeto foi revogado.

No mesmo ano o povo fez fundir em Trento, um sino de 200 K, que depois de três anos fendeu-se. O povo, porém, não desaminou. Arrecadou imediatamente uma importância 3 vezes maior, podendo fundir assim 3 sinos em vez de um.

A comunidade do "Cedro" sempre se distinguiu pelo entusiasmo relativo ao bem estar da mesma. Realmente nenhuma outra pôde competir e realizar tanto quanto essa. Neste tempo ela contava com 110 famílias, que sem o auxílio das outras vizinhas, aos poucos pôde preparar o material necessário para a construção da sua igreja central, assim chamada e declarada por decreto de M.S. bispo de Curitiba, José de Camargo Barros.

Nesta manhã, os imigrantes italianos, jubilosos e festivos, têm a feliz ventura de ver abençoada e colocada a primeira pedra fundamental, no templo dedicado à Maria Imaculada, recolhendo assim nesta ocasião, o fruto da sua paciência e da sua perseverança.

O sacerdote que presidiu a cerimônia, enalteceu com um vibrante discurso, o gigantesco empreendimento, louvando a obra do dedicado povo. "Ad Jesum per Mariam", a Jesus por meio de Maria. Foi por isso que esta igreja foi erguida em sua honra.

Apesar de todo o cuidado na cura das almas, quer por parte do Vicariato, como por outras circunstâncias, grande parte da população estava em decadência acentuada no seu fervor cristão. Sentia verdadeira antipatia na prática dos seus deveres, remando na indiferença e percorrendo o caminho da sua própria ruína. Quem poderia reparar o mal? A Providência nos foi decididamente amiga, de preferência a outros povos.

Assim sendo no ano de 1892, os filhos de São Francisco se estabeleceram em Blumenau e depois em Rodeio para iniciar a obra sagrada a eles confiada.

Sem temer os perigos, sacrifícios, suores e trabalhos, se aventuraram à grande empresa missionária.

Os pobres são evangelizados, os sonolentos sacudidos, os periclitantes reanimados e os fracos revigorados. Não houve nenhuma comunidade, que por seu trabalho, não fosse atingida e não tivesse progredido na vida cristã.

Nós agradecemos a Deus por este singular benefício e com profundo respeito lhe dizemos mil vezes obrigado.

E vós, ó posteridade remota, ouvi: Se nós com respeito e veneratione devida aos Franciscanos, vos servimos de exemplo, ou melhor, de estímulo pelos feitos dos vossos antepassados, poderemos ser talvez de obstáculo a outros desprestigiadores, quer agora quando desfolhardes estas páginas, quer no futuro, quando seremos de escândalo aos críticos que sempre existiram no mundo.

Salve!

Rio dos Cedros, 10 de março de 1901

(a) LICINIUS KORTE O. F. M.

Cura

JULIE ENGELL

ELLY HERKENHOFF - Joinville

Qualquer pessoa que já se tenha ocupado com a história de Joinville, na parte referente aos primórdios da então Colônia Dona Francisca — assim chamada em homenagem à Princesa Dona Francisca, irmã de D. Pedro II — conhece o nome de Hermann Guenther, o engenheiro que para aqui viera, já em maio de 1850, incumbido pela diretoria da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, de fixar o núcleo da colônia, demarcar os lotes de terra e, enfim, tomar todas as providências necessárias para a recepção da primeira leva de colonos, que efetivamente aqui aportou a 9 de março de 1851.

Um dos nossos primeiros cronistas, Theodor Rodowicz-Oswiecimsky, autor do livro "Die Kolonie Dona Francisca in Sued-Brasilien", editado em 1853 em Hamburgo, Alemanha, se ocupa, no capítulo II de sua obra, com as atividades do engenheiro Guenther. Diz o autor, após a transcrição parcial do relatório da Sociedade Colonizadora, publicado no primeiro trimestre de 1851.

"Simultaneamente quase com aquele relatório, apareceu no "Leipziger Illustrierte Zeitung" (Jornal ilustrado de Leipzig) uma descrição atraente da colônia, enriquecida com belo desenho do desembarcadouro e das primeiras casas da colônia, com graciosos jardins etc., e ainda com o desenho de uma casa de colono, tal como poderia ser construída e fornecida aos colonos, com terras parcialmente já lavradas, ao preço de 250 táleres prussianos em moeda corrente.

Tudo dava a melhor impressão possível e o sucesso não se fez esperar. Pois antes mesmo que quaisquer outros convites à emigração para esta colônia fossem publicados, mais e mais emigrantes de todas as classes se apresentaram, desejosos de aqui tentarem a sua sorte.

Porque não depositar confiança em uma empresa, a cuja testa se encontrava um dos mais conceituados homens de negócio de Hamburgo? Depois, vários foram os boatos espalhados. O próprio Príncipe passaria a residir na colônia; a Imperial Corte Brasileira estaria vivamente interessada no florescimento da empresa. E, enfim, a perspectiva da ligação com a Capital, em futuro próximo, por uma linha de barcos a vapor, somada aos detalhes do relatório do funcionário Guenther, davam a toda a empresa um relevo tal, que não foi nada surpreendente o vivo interesse geral despertado, fazendo com que muitas pessoas inclinadas à emigração, se decidissem pela colônia.

Infelizmente a realidade em muito difere dos relatórios, sobretudo quando elaborados por funcionários do quilate de Guenther. A designação desse homem para engenheiro e diretor interino, foi o primeiro golpe sofrido pela colônia, e foram inevitáveis as suas conseqüências..."

E mais adiante:"

“Em companhia do coronel Vieira e do procurador do Príncipe Sr. Leonce Aubé, Guenther, iniciou uma viagem de reconhecimento das terras da colônia, para determinar o local do início da colonização.

Ao final do primeiro dia, haviam alcançado o lugar onde, por ocasião de minha partida, ainda se achava o desembarcadouro. Ao que tudo indica, Guenther depressa se havia fatigado da inspeção, pois embora o coronel e o Sr. Aubé insistissem no prosseguimento da tarefa no dia seguinte, Guenther teimava em afirmar: “Pois aqui está muito bem”. Foi assim que se decidiu a sorte da colônia, cujo início prova, pelo menos, a incapacidade de Guenther para o cargo que lhe fora confiado.

Em vez de fixar o núcleo da colônia o mais próximo possível da cidade de S. Francisco, o mais próximo que a extensão das terras da colônia o permitisse, ou pelo menos na parte provavelmente mais salubre, Guenther se enfiou no canto mais longínquo, no local que, na época, não passava de um lodaçal, pois obrigava qualquer pessoa, durante longo tempo ainda, a caminhar na lama até a barriga da perna. É bem verdade que agora, cada vez mais, se evidencia que a cultura transformará aquele local em um dos mais secos e salubres, devido ao seu subsolo arenoso e firme. Esse fato, porém, não se deve à perícia de Guenther. Trata-se de feliz coincidência, comprovada apenas posteriormente, ao passo que para Guenther e os primeiros colonos na realidade não existia senão um lodaçal...”

A referida obra de Rodowicz — hoje raridade bibliográfica — sempre constituiu uma das mais preciosas fontes de pesquisa para qualquer estudioso da história de Joinville, conhecedor do idioma alemão. O autor, que se apresenta como capitão engenheiro-geógrafo reformado e ainda como cavalheiro da Ordem de Leopoldo — sem especificar se da Ordem belga ou austríaca — aqui viveu durante mais de um ano, a partir de setembro de 1851, sendo assim, pessoa absolutamente credenciada para opinar sobre tudo que se relaciona com a nascente colônia Dona Francisca e o seu núcleo Schroedersort (Vilarejo de Schroeder) assim chamado em homenagem ao presidente da Sociedade Colonizadora, o senador hamburguês Christian Mathias Schroeder. No entanto, o trecho acima traduzido do original alemão, surpreende pela aspereza da expressão do autor em relação a Guenther — mesmo quando reconhece que o local escolhido pelo engenheiro se evidenciou, posteriormente, como sendo de subsolo arenoso e firme, podendo ser transformado em um dos mais secos e saudáveis. Seria fundamentada uma tal animosidade?

Carlos Ficker, à página 116 de sua “História de Joinville”, cita um artigo de autoria do Coronel Antônio João Vieira, na época fazendeiro no local do bairro do Itaum, o qual acompanhara Guenther na viagem de reconhecimento das terras. Diz o Coronel, a certa altura do artigo, publicado a 17 de fevereiro de 1852 no “Jornal do Comércio” do Rio de Janeiro:

“Não foi bem escolhido o local para assento do centro colonial por ser baixo e úmido em demasia, quando a pouca distância para o sul havia terreno elevado e enxuto, mais azado para o fim, onde hoje está construída a olaria, que foi indicado pelo Sr. coronel Antônio João Vieira e onde até não falta a vantagem de porto próximo e cômodo, que se acha a coisa de 300 braças do rio Boqueirão.

Não podem, porém, ser acusados deste erro, que tem dado motivo a algumas queixas, nem o atual diretor, o Sr. Eduard Schroeder, nem o Sr. Aubé, procurador do Sr. Príncipe de Joinville, que nem estavam em S. Francisco na ocasião da escolha; mas sim o primeiro administrador mandado pela empresa que, vendo a beira do Cachoeira uma cabana construída pelo Sr. Frontin, sem mais exame e a despeito dos conselhos e admoestações do Sr. Coronel Vieira, teimou em construir ali as casas de depósito para a recepção dos colonos. Esse primeiro administrador desmentiu a confiança que nele se depositava, e já não existiria nem o núcleo colonial, se não tivesse ido à colônia o Sr. E. Schroeder..."

Segundo Carlos Ficker, a acusação do Coronel Vieira não ficou sem resposta. A 21 de fevereiro do mesmo ano, Guenther fez publicar no mesmo "Jornal do Comércio" o seguinte texto:

"... primeiro tenho a dizer que o procurador do Sr. Príncipe de Joinville, o Sr. Leonce Aubé, achava-se pessoalmente presente no dia 22 de maio de 1850, e foi o dito Sr. Aubé que fez pessoalmente entrega da administração, por haver escritura pública da mesma data, cujo documento eu deixo no escritório deste jornal para ser examinado por todo aquele que se interesse a esclarecer-se a respeito.

Segundo: foi o Sr. Aubé tanto mais satisfeito com minha escolha do lugar onde deviam ser construídas as primeiras casas para recepção dos colonos, pelo duplo motivo de somente naquele lugar se achar a melhor água para beber e a facilidade de comunicação para o porto de São Francisco pelo rio Cachoeira..."

Por outro lado, Carlos Ficker, à página 58 de sua obra transcreve — no original francês — uma carta de Leonce Aubé a D. Pedro II, datada de 30 de agosto de 1850, na qual Aubé confirma ter seguido em companhia de Guenther para as terras do Príncipe. É o seguinte o texto em português do referido trecho da carta:

"Imediatamente após a minha chegada a S. Francisco eu me dirigi com o engenheiro enviado pelo Sr. Schroeder, para as terras das quais o Sr. Príncipe e a Sra. Princesa de Joinville fizeram concessão e lhe entreguei as referidas terras, a fim de que pudesse executar, sem demora, os primeiros trabalhos, isto é, a construção das casas ou ranchos destinados a acolherem os primeiros colonos à sua chegada".

Assim, admitida a possibilidade de que Hermann Guenther tenha escolhido propositadamente o local onde se achava "a melhor água para beber", é perfeitamente lícito acreditarmos na possibilidade de que ele, o engenheiro, tenha igualmente reconhecido o subsolo firme e arenoso — porque não?

No entanto, com razão ou sem razão, o certo é que Hermann Guenther foi sumariamente demitido por Eduard Schroeder, filho do senador Christian Mathias Schroeder, o qual, achando-se a negócios no Rio de Janeiro, resolveu, em principio de fevereiro de 1851, vir até aqui, à colônia, a fim de inspecionar o andamento dos preparativos para recepção da primeira leva de imigrantes, já então em viagem desde os primeiros dias de janeiro daquele ano. Segundo Ernst Hildebrandt, autor da obra "Die Gruendung der Hanseatischen Kolonie Dona Francisca" (A Fundação da Colônia Hanseática Dona Francisca) o motivo aparente da demissão foi a

grave desavença entre o engenheiro e Aubé. Pouco tinha sido feito pelo muito dinheiro gasto por Guenther, conforme Rodowicz, que, após relatar o fato acrescenta:

“Apesar de concretizada a demissão, Guenther não quis deixar de imediato a sua obra, tão cara a ele e à Sociedade. Tanto ele como a sua Engell fizeram o possível e o impossível para continuar no posto, molestado tanto o Sr. Aubé como o Sr. Schroeder com súplicas e promessas de toda a sorte. Os dois últimos, no entanto, consideraram absolutamente necessário, no interesse da colônia, não mais deixar nas mãos de Guenther a direção, mostrando-se inflexíveis”.

Por mais surpreendente que seja a expressão “sua Engell”, partindo de pessoa culta como era Rodowicz, ali está, no original alemão: “seine Engell” — expressão empregada pelo autor para designar Julie Engell, a companheira de Guenther.

E quem era Julie Engell?

À página 26 de sua obra, antes de se ocupar com as atividades de Guenther, Rodowicz dizia o seguinte:

“Guenther chegou ao Rio em fins de 1849. Como vários preparativos, concernentes à colônia, ainda não estivessem terminados por parte do governo brasileiro, o embarque de Guenther para Dona Francisca sofreu algum atraso. Em setembro ainda voltou por pouco tempo ao Rio, tendo nessa ocasião solicitado, a um dos funcionários da firma Schroeder & Cia. um terno para um pobre homem, que desejava levar como servente. Conforme se evidenciou posteriormente, esse servente era “femini generis”, isto é, uma interessante berlinense, de nome Julie Engell. Essa heroína de barricadas, em sua viagem para a Austrália, havia desembarcado no Rio e, ali já tendo perdido toda a cotação, pelo menos assim, em consequência de sua ligação com Guenther, se aproximou um pouco mais do seu lugar de destino. Nós, porém, devemos às suas hábeis mãos os lindos desenhos no jornal ilustrado e, quem sabe, à sua pena os diversos relatórios. Ainda existiam por ocasião de minha partida, as ruínas do belvedere, do qual Julie Engell descortinou o que a nenhum outro mortal foi dado apreciar até hoje motivando assim, as primeiras queixas sobre o logro, embora toda e qualquer pessoa, após bastante reflexão, pudesse chegar à conclusão de que era humanamente impossível transformar, tão rapidamente, a floresta virgem em uma paisagem encantadora como aquela representada no jornal”.

Nenhuma dúvida, portanto, em relação à autora dos lindos desenhos — desenhos estes que decidiram a sorte de inúmeros imigrantes e filhos e netos e tetranetos de imigrantes de Joinville, uma vez que, de acordo com o nosso cronista, muitos foram os cidadãos que, após a publicação do jornal, resolveram “tentar a sorte” na tão atraente — e já tão próspera! — colônia às margens do ribeirão Mathias, o ribeirão que levava águas cristalinas para o rio Cachoeira, “a melhor água para beber”, conforme o engenheiro Guenther...

Nenhuma dúvida quanto à sua condição de “heroína de barricadas”, nenhuma atenuante, nenhuma contemplação com a “interessante berlinense” que no Rio “já tinha perdido toda a cotação”...

Apenas uma dúvida a esclarecer — uma só: teria sido na qualidade de heroína de barricadas, que Julie tinha perdido a cotação no Rio?

Como servente "femini generis"? Como desenhista? Ou como visionária talvez?

Percebe-se a austeridade, a rigidez de princípios do oficial, do capitão Rodowicz-Oswiecimsky, autor da obra. Mas adivinha-se, por trás de sua aspereza, o amargor da decepção do imigrante que, talvez por ter acreditado em uma utopia, sentiu-se frustrado, ludibriado, em face da dura realidade aqui encontrada.

Rodowicz chegou a 27 de setembro de 1851, pelo brigue "gloriosa", integrando uma leva de pessoas das mais cultas, que não correspondiam ao tipo do colono comum. Pessoas que, voluntária ou involuntariamente, se haviam decidido à emigração em consequência dos tumultuosos acontecimentos na Europa — entre os quais o rumo desastroso tomado pela Guerra Teuto-Dinamarquesa. É o próprio Rodowicz quem nos relata, não só todo o decorrer da viagem, mas também a primeira grande decepção aos recém chegados e da reação do diretor interino, Eduard Schroeder, quando alguns dos imigrantes manifestaram o seu desapontamento. Disse Eduard Schroeder, provavelmente bastante irritado: "Não esperávamos damas e cavalheiros. Aqui só necessitamos de trabalhadores".

Tamanha decepção - somada aos princípios tradicionalmente austeros do europeu em relação à mulher e sobretudo, às reivindicações da mulher naquela época turbulenta - fez com que o cronista não perdoasse a Juline Engell, nem a autoria dos desenhos tidos como enganosos e nem a sua condição de feminista.

Na realidade, são pouquíssimos os dados existentes a respeito de Julie, afóra os já citados de Rodowicz. No entanto, Friedrich Sommer, profundo conhecedor da história da imigração alemã no Brasil, em seu trabalho "Die Deutschen in São Paulo" (Os Alemães em São Paulo) trabalho este existente no arquivo do Instituto Hans Staden de Ciências, Letras e Intercâmbio Cultural Brasileiro-Alemão, com sede em S. Paulo, cita o depoimento de Anna Krug Kupfer - casada com o médico Dr. Kupfer - a qual se formou em um Instituto de Educação em Limeira, S.P. Diz o historiador F.Sommer:

"Anna, a filha caçula do casal Heinrich Krug, completou seus estudos em 1855-56, no educandário feminino particular, mantido pela senhora Guenther em Limeira. Esta preceptora, oriunda de Meclemburgo, chamava-se em solteira Julie Engell. Havia participado, como pioneira do movimento feminista, dos acontecimentos políticos de 1848 em Berlim, vendo-se em decorrência deste fato coagida a abandonar a Alemanha. Segundo Theodor Rodowicz-Oswiecimsky, que escreveu sobre a colônia Dona Francisca, em Santa Catarina, o destino de Julie Engell teria sido a Austrália, mas tendo conhecido o engenheiro Guenther, no Rio, com ele se dirigiu para a referida colônia, onde chegou em 1850. Julie Engell ou senhora Guenther teria sido autora dos desenhos e talvez até mesmo dos relatórios publicados no "Jornal Ilustrado", a respeito da colônia. Após o encerramento das atividades de Guenther em Dona Francisca, esse engenheiro ocupou vários cargos em S. Paulo, enquanto a senhora Guenther retornou à sua profissão de educadora, sendo nesta qualidade que Anna Krug a conheceu. É por intermédio da mesma cronista que sabemos, ainda, que ela reencontrou a sua antiga professora em 1869 em Berlim e que a mesma faleceu, muitos anos mais tarde, em avançada idade, na Suíça".

Ainda segundo Anna Krug, o engenheiro Guenther em 1854 foi concessionário da empresa de iluminação pública a gás, na capital de São Paulo, tendo a 24 de setembro daquele ano pedido rescisão do contrato, em vista da impossibilidade de executar as obras da instalação, pelo preço estipulado de... 10:500\$00. No interior do estado foi engenheiro-chefe na construção de estradas e é provável que o tenha sido quando Julie, sua esposa, mantinha o educandário em Limeira.

Pouquíssimos, aparentemente, os dados existentes. Sabemos, no entanto, por intermédio de Friedrich Sommer, que Julie foi preceptora, professora formada na Alemanha e diretora de um colégio, sem dúvida frequentado por meninas e moças de famílias da melhor sociedade limeirense da época. Sabemos, ainda, que Julie, senhora de vasta cultura geral, participou, como feminista pioneira, do movimento de 1848 em Berlim. Assim, basta-nos situá-la dentro de sua época, dentro daquela Europa ainda mal cicatrizada das guerras napoleônicas, sacudida pelos manifestos incendiários de Engels e de Marx, convulsionada pelas revoltas, aqui e ali - na França, na Itália, na Áustria, na Alemanha - e, ainda assim, a meio caminho já da superindustrialização e do superdesenvolvimento. É preciso situá-la dentro da atmosfera explosiva da alvorçada Berlim de 1848, situá-la como pioneira do movimento feminista, como "heroína de barricadas" e, evidentemente, como companheira da corajosa Luise Otto-Peters, a feminista que, naquele ano, naquele tumultuado ano de 1848, lançou o seu programa de ação, reclamando para a mulher o direito de se instruir em diversas profissões, até então ditas masculinas, o direito de ganhar honestamente o seu pão, como escriturária, guarda-livros, comerciária, postalista, e não mais apenas como costureira, bordadeira, preceptora, dama de companhia - as únicas profissões acessíveis à mulher da classe média, e miseravelmente remuneradas, devido à enorme concorrência. Desafiando intransigentemente a opinião tradicional e generalizada, segundo a qual a mulher não possuía a capacidade ética e intelectual necessária ao desempenho de outras funções. Luise Otto-Peters e suas companheiras de luta, ainda assim exigiam infinitamente pouco, em face da situação dramática, insustentável, da mulher solteira da classe média - a mais sacrificada em nome da tradição e dos bons costumes. Os ideais defendidos pelas feministas pioneiras - que não podem e não devem ser confundidas com as feministas da atualidade - seriam concretizados apenas lentamente e bem mais tarde, inclusive com a admissão da mulher ao estudo na universidade.

Assim, a imagem da "heroína de barricadas", surgindo em meio ao rebuliço de uma época de transição e, por isso, turbulenta, assume proporções surpreendentemente humanas. Imagem bem diferente esta, da feminista pioneira de Berlim, da educadora de Limeira, bem diferente daquela transmitida por Rodowicz - o ultratradicionalista oficial de exército - e assim retransmitida e assim gravada na história de Joinville: a distorcida imagem de uma Julie Engell, autora de desenhos artificiosos e amásia do engenheiro Guenther. Sem dúvida - a "nossa" Julie foi sua companheira, pois com ele chegou a Dona Francisca e com ele daqui partiu. Se amásia, se esposa - quem, para afirmá-lo ou contestá-lo, depois de 125 anos? Quem aqui ou alhures, para atirar-lhe a primeira pedra?

CLIMA REGIONAL DA ILHA DE SANTA CATARINA(*)

A. SEIXAS NETTO
(da Academia Catarinense de Letras)

I

Campo Geo-Orográfico do Clima

O Clima Regional da Ilha de Santa Catarina está subordinado, nas suas características geometeorológicas ⁽¹⁾, a uma área geo-orográfica determinada, com fenomenologia própria na Baixa Atmosfera.

Este Clima está dividido em duas partes muito distintas: Área mediterrânea e área oceânica.

A área mediterrânea fica delimitada por um anel de montanhas, sendo parte no Continente e parte na Ilha de Santa Catarina, esta formada pela dorsal orográfica ilha.

O trecho do anel orográfico, no Continente, a Oeste, referindo-se aos pontos mais altos, do Norte para o Sul, compõe-se de:

- MORRO DOS GANCHOS, com 3 pontos de máxima elevação, desde Ganchos até as proximidades da praia de Anható-mirim, em níveis de 612, 510 e 465 metros de altura;
- MORRO DE SÃO MIGUEL, com 430 metros de altura;
- MORRO DE BIGUAÇÚ, com 520 metros de altura;
- SERRA DO UNA, composta de morros encadeados, desde o Morro de Biguaçú até a Serra do Una propriamente dita, donde são notáveis:
 - Morro do Cambirela, com 940 metros de altura;
 - Morro do Taboleiro, com níveis entre 1025 até 1400 metros de altura;
 - Serra do Una, com níveis de 680 metros a 925 metros de altura;
 - Morro do Faisca, com 480 metros de altura.

A Leste, na Ilha de Santa Catarina, a pequena dorsal-cordilheira, de Sul para Norte, com alturas nunca inferiores a 300 metros:

(*) - O Autor fez um estudo completo titulado CLIMAS DE SANTA CATARINA, de que já foi publicado, nesta Revista, o relativo ao Vale do Itajaí. Posteriormente, serão publicados os relativos aos demais Climas.

(1) - O vocábulo foi criado pelo Autor para diferenciar os meteoros particulares à Terra dos meteoros Celestes.

— MORRO DO RIBEIRÃO, com 540 metros de altura; esse Morro se alonga até a ponta sul da Ilha, apresentando quatro elevações apreciáveis, com os níveis de 330, 360, 420 e 335 metros, respectivamente;

— MORRO DO PÂNTANO DO SUL, com duas elevações notáveis. Uma de 306 metros de altura, próxima ao Pântano do Sul e outra, com 310 metros de altura, que descamba ao mar na Ponta das Andorinhas;

— MORRO DA LAGOA DA CONCEIÇÃO, com 4 elevações distintas, até São João do Rio Vermelho, que, indo do Sul para o Norte, apresentam os seguintes níveis: 426, 490, 530 e 420 metros de altura;

— MORRO DA CRUZ,- ou do Antão-, que faz parte do Morro da Lagoa, sobre a parte urbana da Capital, com 270 metros de altura;

— MORRO DOS RATONES, com 445 metros de altura e 400 metros de altura no segundo segmento;

— MORRO DA CACHOEIRRA DO BOM JESUS, até a ponta do Rapa, com dois níveis, de 220 e 180 metros de altura.

Dentro deste anel de montanhas, ficam as Baías Norte e Sul, entre a Ilha de Santa Catarina e o Continente, compondo um magnífico MAR MEDITERRÂNEO, modulador notável do Clima nesta área. O MAR MEDITERRÂNEO tem uma profundidade máxima média de 15 metros e média geral de 8 metros.

A Área Oceânica é toda a costa ilhoa entre a Cordilheira dorsal da Ilha de Santa Catarina e Oceano.

II

O Mar Mediterrâneo Modulador

Chamamos às Baías Norte e Sul de MAR MEDITERRÂNEO, por estar no centro do anel montanhoso indicado. Essas Baías são ligadas ao Oceano Atlântico pelas Barras do Norte e do Sul; a Barra do Norte, já estreitada pelo acúmulo de bancos arenosos, tanto ao lado da Ilha como ao lado do Continente, apresenta um canal com profundidade média de 6 a 10 metros; a Barra do Sul, entre o farol dos Naufragados e o Continente, muito estreito, já com extensos bancos arenosos em ambas as margens, apresenta a profundidade média de 2 metros. Essas Barras, com o progressivo avanço das banquisas arenosas, tendem

a fechar-se por completo, dentro de mais vinte anos, formando, então, das duas Baías, um grande lago, com saída para o Oceano pela Barra Norte.

Este processo vai provocando uma série de lentas mudanças nos comportamentos da Baixa Atmosfera. (1)

Este MAR MEDITERRÂNEO, de característica interessante, é estrangulado, quase à metade, por um estreito de 600 metros de largura, por sobre o qual passa a Ponte Hercílio Luz, ligando o centro da Capital ao distrito do Estreito, o que fará, do futuro lago, um lago de duas secções. Sobre essas duas Baías, devido ao estrangulamento do estreito os ventos de Norte ou de Sul dão um processo diferente a cada lado da Baía, com grande importância para a efetivação do mecanismo evaporatório do mar e da quantidade de partículas salinas elevadas para a Baixa Atmosfera. Convém dizer que, atualmente, a quantidade de partículas salinas, elevadas em 24 horas de atividade térmica, no Verão, a 25º C, está reduzida a 28% da quantidade há 30 anos passados. Esta redução se deve à poluição de lixo vário nas águas das Baías. A água das Baías já estão, 1976, com baixo coeficiente de salinidade, devendo continuar o decréscimo até a nível de água simplesmente salobra, incapaz de vida animal (peixes). Ao mesmo tempo, este processo aumentará a estabilidade térmica da água, sem níveis de inversões naturais, irradiando constante calor para a Baixa Atmosfera, o que deverá, com isto, aumentar a média temperatura sobre o campo climático em 6 a 11 graus.

III

As Cidades e as Rodovias no Clima Regional

As cidades de concreto e as rodovias de asfalto alteram o processo climático natural; são intrusões artificiais anti-naturais que a própria Natureza do Clima local procura por fenômenos de reação, eliminar do seu meio. O mecanismo atmosférico é, com as cidades de concreto e pedra e com as rodovias asfaltadas ou cimentadas, brutalizado. Esses elementos artificiais, operam como um ANTEPARO entre o meio modulador e supridor de gases da Atmosfera e a Baixa Atmosfera, fazendo com que o MEIO ATMOSFÉRICO local não seja suprido normalmente e esteja em DÉFICIT dentro do meio aéreo total, formando, sobre as cidades, bolhas de ar reduzido e sobre as ro-

(1) - Há que ver o processo artificial contra a ecologia marinha.

dovias como que túneis de comportamentos irregulares. Impedem um regular processo de troca solo-meio aéreo. (1)

No Clima Regional da Ilha de Santa Catarina, o MAR MEDITERRÂNEO das Baías Norte e Sul, sofre ação térmica das massas de concreto que se desenvolvem ao seu redor, tanto na parte ilhã quanto no continente.

As cidades funcionam como ponto irradiante de calor durante a noite e como ponto radiante de energia solar durante o dia; mas com 60 horas de insolação total, a 12 horas diárias, as cidades passam a ser pontos radiante-irradiante simultâneo, equalizado, podendo, deste modo, retirar de sobre as cidades mesmas até 35% de atmosfera standard, -(760 mm Hg e 18°C)-, tornando o capeamento aéreo quente e úmido, -(umidade a mais de 80%)-, ou irrespirável à vida humana principalmente, porque todas as moléculas de ar foram aceleradas pelo calor para níveis de altitude. (2)

Deste modo, com o evoluir da cidade, como estrutura bloqueadora entre o solo e a Atmosfera, o meio aéreo vai sofrendo um acréscimo contínuo de calor estacionário, uma redução de ar ativo e, o que é mais importante, um aumento de umidade atmosférica que é imediatamente exigido e sugado pelo solo livre ao redor da cidade e ressequido por exaustão do processo normal solo-atmosfera; ou melhor dito, o solo fica seco, sem água e busca extraí-la do meio aéreo úmido. Donde a regra que encontrei: As cidades anulam os manadouros d'água ao seu redor e o solo inverte o processo: Ao invés de emitir água, em vapor, para a Atmosfera, absorve o vapor da umidade quente do meio aéreo. Para o Clima de Florianópolis, veremos nos quadros a seguir, por uma década, o processo citado. Por isto, dentro de um clima Regional reduzido não deve haver estradas asfaltadas, mas de terra e o máximo de solo não coberto a concreto ou pedra, mas livre, arborizado ou não. Em verdade, até o deserto é uma garantia ecológica.

(1) - Sobre o assunto, ver nosso livro GEOECOLOGIA ATMOSFÉRICA, publicado, em Capítulos, por BLUMENAU EM CADERNOS, durante o ano de 1975. Ali é estudado em profundidade o processo de troca solo-atmosfera, bem como os fenômenos geometeorológicos normais resultantes; igualmente, estuda-se no trabalho, os fenômenos de reação quando esse processo é obstruído.

(2) - Em nosso livro GEOECOLOGIA ATMOSFÉRICA, está precisamente explicado o processo.

IV

Florestas ou meio de troca entre Solo e Atmosfera

A floresta, para ser meio de troca eficiente entre solo e Atmosfera, deve ser nativa e, portanto, de HABITAT e reação normal no solo e meio aéreo. Qualquer árvore alienígena é um elemento distorcedor do meio, porque busca sempre adaptar o meio ao seu processo e não adapta-se, de modo algum, ao meio.⁽¹⁾ E há, a propósito, que mudar radicalmente o conceito de floresta. Floresta não é só árvore de grandes troncos; floresta, geocologicamente, é todo tipo de herba, arbusto, gramínea, em conjunto. Assim, extensões de campos, pastos, ervas e arbustos, têm a mesma ação de troca solo-atmosfera que uma floresta de árvores volumosas. E no Clima Regional da Ilha de Santa Catarina somente 1/270 de área não é florestado ao padrão ecológico citado. Há pequenas intrusões maléficas de árvores e arbustos não nativos, que, se não evoluírem, -deverão ser extirpados por serem malignos-, nada poderão influenciar efetivamente. Embora grandes árvores já tenham sido destruídas, e não haja conjunto florestal de grande volume, 269/270 da área é ecologicamente ativa ainda, dentro do anel climatológico.

V

Regime de Temperatura no Clima Regional (*)

Os valores deste quadro são as médias trimestrais, por estação climática do ano, de 1966 a 1976; portanto, 10 anos. Os valores são tomados nos pontos máximos e mínimos ocorrentes nas quatro estações climáticas do ano que começam atualmente (de 1960 para adiante) 29 dias antes do início da Estação Astronômica. As Temperaturas são tomadas em campo natural ou seja à sombra, mas em espaço aberto à circulação da umidade, movimento pressional, movimento da massa aérea (ventos), isto porque as medidas tomadas em lugares fechados a essas atividades estão sujeitas aos comportamentos de irradiação ou radiação térmica dos materiais utilizados, que alteram sensivelmente a realidade da observação.

(1) - Ver GEOECOLOGIA ATMOSFÉRICA, do Autor.

(*) - O Regime de Temperatura no Clima Regional da Ilha de Santa Catarina pode ser regido matematicamente pela fórmula que elaboramos em 1965:

$$R = \frac{S \cdot nTM - T^2}{S \cdot nTm - T^2}$$

em que: R= Regime; S= Somatório; nTM= número de Temperaturas Máximas de 15 a 15 minutos; T= Temperatura de Kelvin; nTm= número de Temperaturas mínimas de 15 a 15 minutos de tempo horário. O Regime R é que deve ser somado à média simples das observações para alcançar o MOMENTUM efetivo máximo ou mínimo do período de insolação(dia) ou de sombra total(noite).

É de importância esclarecer que toda medida de Temperatura, Pressão Atmosférica e Umidade do Ar unicamente vale para o ponto Observador, até um raio de 10 metros do seu local. Para fora deste CAMPO as variações não constantes; portanto; uma dada Temperatura ou Pressão não corresponde à realidade quando, generalizadamente, é proposta para uma área superior. Assim, para o Clima Regional pouco extenso como o da Ilha de Santa Catarina, ocorrem milhares de variáveis de Temperatura ou índices de Pressão no mesmo instante em que é anotado um valor no Ponto Observador; e, por isto mesmo, não é possível sequer pretender um valor médio para o Clima Regional. Mas aceita-se como válido geral os índices tomados na Estação Observadora, embora sem corresponder a realidade total. Deste modo, entendemos de realizar um estudo da variabilidade de Pressão, Umidade e Temperatura, para 10 pontos do Clima Regional ao mesmo instante da Estação Observadora. E, igualmente, o coeficiente de variação para interiores e superfícies de anteparo entre o solo e a Baixa Atmosfera (rodovias, pátios, áreas de construções compactas) foi estudado e os valores vão indicados em tabela noutro estudo.

1 - Temperaturas máximas e mínimas em 10 anos. Mês de Janeiro

(Valores na Estação do Observador e válidos efetivamente numa área de 10 metros de raio) (*) (Entre 06,00 e 18,00 hs)

Mês/Ano	Tmáxima	Tmínima	Hora	Dia	Fenômenos(**)
Janeiro 67	33.1º		18,00	18	
Janeiro 67		19.8º	08,00	5	
Janeiro 68	34.8º		18,00	10	
Janeiro 68		16.9º	09,00	4	
Janeiro 69	35.7º		16,00	30	
Janeiro 69		17.6º	08,00	11	
Janeiro 70	35.6º		15,30	7	
Janeiro 70		17.6º	08,00	11	
Janeiro 71	34.4º		14,00	26	
Janeiro 71		21.9º	08,00	2	

(*) - A Estação do A. fica em campo livre, na parte continental da cidade de Florianópolis: somente o instrumental à sombra, mas sujeito a todos os demais comportamentos da Baixa Atmosfera.

(**) - Os fenômenos (chuvas, trovoadas, ventos), na hora, constam dos registros do Autor, minuciosamente.

Janeiro 72	35.8º		07,00	3
Janeiro 72		19.4º	07,30	24
Janeiro 73	36.0º		16,00	3
Janeiro 73		19.6º	08,00	26
Janeiro 74	37.0º		14,30	10
Janeiro 74		20.8º	07,00	16
Janeiro 75	36.4º		16,00	24
Janeiro 75		16.5º	07,30	3
Janeiro 76	38.4º		06,00	11
Janeiro 76		19.3º	07,30	22

Vemos, pelo quadro, que a Temperatura, no ponto Observador, e, conseqüentemente, em todo o Clima Regional, está, a cada ano, aumentando seu índice, prova de que as cidades e rodovias estão injetando irradiação térmica na Baixa Atmosfera. Observa-se ainda que, por isto mesmo, o índice deverá ir subindo até um máximo-crítico à proporção que se vai obstruindo a relação solo-atmosfera. E o que é mais importante, deduz-se, pelo quadro, que no Clima Regional de Florianópolis, no mês de Janeiro, poderão ocorrer Temperaturas entre 33.1º e 40.0º nos próximos 10 anos, até 1986. E daí para adiante o coeficiente de acréscimo será maior, chegando a 43º. Ademais, as Temperaturas de máxima insolação serão insuportáveis podendo aproximar-se, em campo livre, a 56.0º. Daí resulta a necessidade de solo livre dentro das cidades.

2 - Pressões atmosféricas máximas e mínimas em 10 anos: Janeiro(*)

(Valores na Estação do Observador entre 06,00 e 18,00 hs)

Mês/Ano	Pressão máxima	Pressão mínima	Hora	Dia
Janeiro 67	763 Hg		18,00	24
Janeiro 67		756 Hg	08,00	9
Janeiro 68	763 Hg		18,00	31
Janeiro 68		756,5 Hg	18,00	10
Janeiro 69	760 Hg		08,30	13
Janeiro 69		754 Hg	15,30	15

(*) - Os valores são reduzidos ao nível do Mar.

Os valores podem ser transformados para a leitura universal em milibares (Mb) pela fórmula

$$\text{Hg} \cdot \frac{4}{3} = \text{Mb}$$

ou consultando tabelas previamente calculadas de conversão das quais existe uma do Autor, com valores de 1/2 em 1/2 milibar e correção de 1/10 de milibar.

Janeiro 70	762 Hg		18,00	11
Janeiro 70		755,5	18,00	29
Janeiro 71	754,5		08,00	10
Janeiro 71		749	15,00	4
Janeiro 72	756,5 Hg		15,00	11
Janeiro 72		748 Hg	16,30	4
Janeiro 73	757 Hg		15,00	26
Janeiro 73		749 Hg	14,00	5
Janeiro 74	756 Hg		07,00	16
Janeiro 74		746 Hg	14,30	10
Janeiro 75	756,5 Hg		06,00	6
Janeiro 75		748 Hg	07,30	11
Janeiro 76	756,5 Hg		16,00	22
Janeiro 76		746 Hg	17,00	25

Vê-se, pelo demonstrativo, que as Máximas Pressões sobre o Clima Regional sofreram, no curso dos 10 anos, uma queda de 763 Hg em 1967 para 756,5 em 1976, o que demonstra que a Atmosfera está sendo, progressivamente aniquilada em sua densidade. Isto pode ser também notado e ratificado na ocorrência das Baixas Pressões que decaíram de 756 Hg para 746 Hg. Este comportamento da Atmosfera Baixa corresponde a uma elevação progressiva de Temperatura dentro do Clima Regional da Ilha de Santa Catarina.

Convém, ainda, notar as variações dos Meteoros decorrentes das oscilações de Pressão Atmosférica.

3 - Dias de Chuvas e de Ventos em 10 anos. Mês de Janeiro

(Valores pluviométricos em grama por metro quadrado e registro anemométrico da Estação do Autor)

MÊS/ANO	CHUVAS em dias	Vento do Sul em dias	Vento do Norte em dias
Janeiro 67	13	11	20
Janeiro 68	20	11	20
Janeiro 69	17	22	9
Janeiro 70	21	16	15
Janeiro 71	17	14	17

Janeiro 72	16	13	18
Janeiro 73	20	12	19
Janeiro 74	25	13	18
Janeiro 75	16	16	15
Janeiro 76	21	16	15

Nota-se que a Variação de Pressões e o progressivo aumento de Temperaturas provoca acúmulo de Umidade precipitável em índices também progressivos. O mesmo ritmo de variação de intensidade das Pressões está oferecendo oportunidade a que os ventos sejam mais constantes oriundos da direção contra-alísea, Norte.

VI

Os Níveis de Temperatura e os Círculos de Temperatura dentro do Clima Regional da Ilha de Santa Catarina

O Clima Regional possui, conforme medidas realizadas pelo Autor em 10 anos, sempre no mês de Janeiro, 10 Níveis de Temperatura e 6 Círculos de Temperatura.

Os NÍVEIS DE TEMPERATURA, são tomados de 100 em 100 metros de altitude, nas montanhas que compõem o anel delimitante do Clima.

Os CÍRCULOS DE TEMPERATURA, são seis faixas ao nível do mar tomadas como centro o Canal sob a Ponte Hercílio Luz, que separa as duas Baías ou o que chamamos "MEDITERRÂNEO"; cada Círculo tem 10 quilômetros de largura. A variação de Temperatura nestes círculos é apreciável, e a média aritmética dos valores poderá oferecer um valor médio de Temperatura para todo o Clima, embora não perfeitamente preciso, como já dissemos, mais aproximado.

Valores de Temperatura nos Círculos em 10 anos. Mês de Janeiro

(Tomadas somente as Máximas do Mês)						
Mês/Ano	1º Circ.	2º Circ.	3º Circ.	4º Circ.	5º Circ.	6º Circ.
Janeiro 67	33.1º	30.8º	28.4º	26.2º	24.1º	23.8º
Janeiro 68	34.8º	31.1º	29.2º	26.8º	24.5º	23.8º
Janeiro 69	35.7º	31.6º	29.5º	27.1º	24.8º	23.9º
Janeiro 70	35.6º	30.7º	29.1º	27.1º	24.2º	23.0º

Janeiro 71	34.4º	30.2º	28.6º	26.1º	22.3º	21.2º
Janeiro 72	35.8º	30.8º	29.1º	26.7º	23.0º	21.8º
Janeiro 73	36.0º	31.2º	29.6º	27.1º	23.2º	22.1º
Janeiro 74	37.0º	31.4º	29.8º	27.6º	23.7º	22.8º
Janeiro 75	36.4º	31.0º	29.8º	26.1º	23.0º	22.3º
Janeiro 76	38.4º	31.8º	30.3º	27.9º	23.8º	23.0º

Estes Círculos de Temperatura estão assim determinados por medidas que fizemos no curso de 10 anos, com estação portátil do Autor, em dois dias de cada mês, distantes 15 dias entre um registro e outro:

Círculos de temperatura no clima Regional da Ilha de S. Catarina

Círc.Nº	Localização geográfica do anel (referência)
1	Cidade de Florianópolis e Estreito (Círc. central)
2	Sul da Ilha, São José-Biguaçu
3	Palhoça-Santo Amaro
4	Sopé do Cambirela e serras do mesmo anel
5	Sopé do Taboleiro e serras do mesmo anel
6	Sopé da Serra do Una e serras do mesmo anel

Aprecia-se, assim, que o centro dos Círculos, -Florianópolis-Estreito-, é altamente quente. Explicamos isto pela grande massa de concreto de construções, asfaltos, e pouca vegetação. Devemos acrescentar que a Temperatura no meio aéreo deve-se adir a Temperatura de irradiação da massa sólida da cidade.

Nos 10 níveis do Clima Regional, com espessura de 100 metros, ocorrem as variações do quadro a seguir. As medidas foram tomadas pelo Autor em vôo de avião, em diferentes ocasiões: (*)

Níveis de Variação de Temperatura no Clima Regional (**)

(Válido para todos os anéis do Clima Regional)

Nível Nº	Nível térmico em janeiro	Nível térmico em julho
0 -100 m	- 0,8º	- 12º
100-200 m	- 1,2º	- 13,5º

(*) - Os vôos foram realizados nos meses de Janeiro e Julho de 1969, 1970, 1971.

(**) - Nas várias medidas, em três anos, os coeficientes nos determinados níveis permaneceram constantes ou com variação mínima, inapreciável para o caso.

200-300 m	- 2,5º	- 13,5º
300-400 m	- 3,5º	- 14,0º
400-500 m	- 4,0º	- 15,0º
500-600 m	- 5,5º	- 15,0º
600-700 m	- 6,5º	- 16,0º
700-800 m	- 7,0º	- 16,0º
800-900 m	- 8,5º	- 16,5º
900-1000 m	- 9,0º	- 17,0º

Desta maneira, podemos ver que com a altura diminua a temperatura, sendo que a diferença média entre o máximo do Verão e o máximo do Inverno é de 9º. Com o quadro acima é fácil deduzir a Temperatura a certo nível, tanto se tenha a Temperatura ao nível do mar.

VII

As massas frias polares e seu comportamento no Clima Regional

As Emissões Polares, ou Massas de Ar Frio, cruzam o Clima Regional com velocidade bastante diminuída pelo anteparo das Montanhas mas tomando uns comportamentos especiais quanto à cuba climática no centro do anel montanhoso. Sobrepassando as montanhas do Sul, ou a Serra do Una, cai o ar frio para dentro do anel orográfico e se desloca, então, mais lento, para o Norte, saindo pela Barra do Norte, e pelas valadas entre as Serras de Biguaçu, São Miguel, Ganchos e a Serra Geral, derramando-se, então, violentamente no Vale do Rio Tijucas. Na parte oceânica, pelo lado exterior da Cordilheira Ilhoa, o deslocamento é feito sem interrupções ou anteparos, originando fortes ventanias e quedas bruscas de temperatura.

A entrada para o centro do Clima, pela Barra do Sul, pode permitir que os ventos dos rumos Sul e Sudeste assumam velocidades de até 80 quilômetros horários, em alguns momentos, uma vez que, apertados entre as Serras laterais à Baía, desparramam-se violentamente para a parte mais larga e central da Baía. Outro comportamento é o da Baixa Pressão Central do Clima, sobre o "MAR MEDITERRÂNEO", que faz cair ventos muito rápidos de até 50 quilômetros horários para dentro da

depressão. Por isto, o regime de Ventos dentro do Clima é equalizado oferecendo os mesmos tempos de Norte e de Sul, com grande regularidade.

VIII

O "Bolsão de Ar Quente" do Centro do Clima Regional

Em realidade, devido ao alto poder irradiante térmico da cidade, há como uma espécie de "bolsão de ar quente" sobre Florianópolis. Este "Bolsão de Ar quente" é altamente úmido pela evaporação do "MAR MEDITERRÂNEO" e faz com que haja sempre uma cobertura de núvens cumulus-humilis sobre a Cidade, a nível de 400 metros de altura, sendo que os dias totalmente claros são aqueles em que o ar frio, seco e pesado penetra o BOLSÃO reduzindo a evaporação das Baías, o que ocorre, geralmente, 26 dias no Verão e 20 no Inverno, com variações de 12 a 16 no Outono e 21 a 35 na Primavera.(*)

E tem o BOLSÃO DE AR QUENTE a notável e rara qualidade de efetivar uma Baixa Pressional no Centro do Clima, pela aceleração vertical das moléculas de ar, reduzindo a quantidade de ar no mesmo o que oferece a característica de "tempo a bafado e quase irrespirável" nos últimos 10 anos.

IX

AS NUVENS - Geratrizes Locais e Nuvens de Circulação (**)

Dois tipos de nuvens são observadas no Clima Regional de Santa Catarina: As de formação local e as de Curso.

As nuvens de formação local, dentro da área do Clima, são os Cumulus-humilis, de bom tempo, e os Baixo-Stratus. Essas Nuvens tem ciclo de formação e dissipação com o processo de evaporação nas Baías, a umidade relativa do Ar, decorrente da variação térmica do Ar, variação local de Pressão Atmosférica. A Nuvem típica Cumulus-Nimbus tem como pontos geratrizes a área do Taboleiro e do Cambirela, e neste último principalmente, porque as fontes térmicas na área dão um incremento de calor à Atmosfera, fazendo com que haja zona localizada de Depressão, sempre entre 10,00 e 18,00 hs. do dia, no Verão e entre 15,00 e 20,00 hs. nas demais Estações. No Verão, o Cumulus-Nimbus apresenta desenvolvimento pleno,

* - Estas Estações são as Climáticas e não as Astronômicas.

** - Em nosso livro GEOECOLOGIA ATMOSFÉRICA, publicado em Capítulos na Revista "Blumenau em Cadernos", no ano de 1975, estão explicados os processos relativos à formação de Nuvens e outros meteoros terráqueos.

originando trovoadas e descargas elétricas sempre com pouca variação, entre 16,00 e 23,00 horas. (*)

As Nuvens de Curso são aquelas que chegam impulsionadas pelos ventos, formadas que são em outros Climas. As principais são: Cirrus, Altos-Cirrus, Alto Stratus, Cumulus congestus de baixa altura, e nevoeiros densos móveis. Essas massas nubosas de altura são impulsionadas nas pré-frontais de emissões polares, ou de ventos contra-alísios que caem em grandes Depressões ao Sul do Clima Regional. Estes tipos de nuvens geralmente se fazem acompanhar de chuvas porque dão incremento de Umidade à Umidade estacionária local, precipitando. As horas mais regulares de chuvas no Clima são à noite, devido a queda de Temperatura e variação brusca de Pressão. Todavia, o Clima, apesar de protegido em seu anel montanhoso, está sujeito a violentas tempestades rápidas, quando as emissões de alta velocidade sobrepassam o anel orográfico ou penetram pelos canais das Baías Norte e Sul. Então, aprisionadas no Clima Regional as massas nubosas se precipitam até exaurirem o processo.

X

As condições climatológicas de inverno, dentro do clima regional(**)

O Clima Regional da Ilha de Santa Catarina, com a sua característica de estar rodeado por anel orográfico de altura apreciável, durante a ocorrência de Inverno, comporta-se como um POÇO de ar frio; ou seja, na passagem das massas polares, grandes parcelas de ar frio, seco e pesado ficam dentro do Clima, a baixo nível, junto ao solo, ali permanecendo até que a irradiação térmica local o esquente e eleve. O processo completo de equalização térmica e posterior elevação do ar frio no Clima, completa-se em 72 horas após a Massa Polar ter depositado esse ar, no seu curso para o Norte.

Analisando-se os valores de Temperatura, no Inverno, durante 10 anos, vê-se que a Máxima permanece quase constante, por efeito equalizador do "Bolsão quente" e a Mínima tende a elevar-se. Todavia, em 1975 e 1976 houve a penetração no Sul do Brasil de grande massa de ar frio andino, provocado pelo constante degelamento dos Andes nos últimos 5

* - As áreas de excessivo incremento de calor são Caldas da Imperatriz e Águas Mornas, dentro do Anel Climático.

** - Relativo ao Inverno Climatológico e não Inverno Astronômico.

anos, efeito da diminuição de densidade do Ar na Atmosfera da Terra, provocada pelo grande derramamento de lixo ávido de água e queimas, por bombas nucleares, foguetes e aviões de Jato, do Hidrogênio e Oxigênio e um aumento excessivo, decorrente disto, de Nitrogênio. Este comportamento, que denominamos “EFEITO DE CONGELADOR” é não natural no comportamento geometeorológico, e ocorrerá, cada vez com intensidade menor, até que 2/3 do gelo da Cordilheira seja derretido, em 25 anos.

Temperaturas Máximas e Mínimas no Clima Regional. Julho

(Valores em 10 anos anotados pelo Autor)

Mês/Ano	Máxima	Mínima	Hora	Dia	Observação
Julho 67	24.6º		08,00	8	
Julho 67		10.2º	08,00	12	
Julho 76	24.6º		08,00	25	
Julho 76		04.2º	10,00	10	

Os valores de 10 anos, conforme, os limites do quadro acima, dão constância média de 24.6º na Máxima (pelo efeito e equalização do Clima) e a Mínima tendendo a subir para 12.8º. Todavia, o “EFEITO DE CONGELADOR” provocou, nos últimos dois anos, limites mínimos anormais, (1975 e 1976). Entretanto, abstraindo o momento do “EFEITO DE CONGELADOR” a mínima é tendente a elevar-se a cada tanto que a mínima normal de 1976 foi 12.8º, conforme os registros do Autor. Ocorre anotar que no dia 10 de julho de 1976 ocorreu congelamentos de neve e geadas fortes em todo o Estado e inclusive em vários pontos do Clima Regional, cousa que não ocorria nos últimos 25 anos.

Valores de Pressão Atmosférica em 10 anos. Mês de Julho

(Sòmente os dois limites, porque a variação foi progressiva nos anos intermediários)

Mês/Ano	Pressão Máxima	Pressão Mínima	Hora	Dia
Julho 67	766 Hg		08,00	12
Julho 67		759 Hg	08,00	10
Julho 76	763 Hg		16,30	19
Julho 76		751 Hg	06,00	8

Como os anos intermediários mostraram queda constante dum limite a outro, pode ver-se pelo quadro que as Pressões tendem a diminuir no Clima, por ação da irradiação-térmica do Clima, ou seja aumento progressivo de calor.

Nos mesmos anos limites, ocorreram:

Mês/Ano	Dias de Chuvas	Dias de V. Sul	Dias de V. Norte
Julho 67	13	17	14
Julho 76	19	16	15

Os valores inter-limites demonstram que houve aumento de dias de precipitação a cada ano mas o regime de Ventos manteve-se equalizado.

Deste modo, pelo presente estudo, documentado nos Registros Meteorológicos diários do Autor, pode indicar-se a urgente necessidade e importância de manter um regime de controle do solo livre de construções, para permitir as reações normais Atmosfera-solo, a conservação de rodovias de terra, e os campos arborizados de conformidade com o H A B I T A T botânico do Clima, evitando ao máximo a introdução de árvore estranha ao meio. (*)

X I

Recomendações gerais para a conservação do Clima Regional

Entendemos, em face dos estudos e observações geomeeteorológicas efetuados durante 30 anos, recomendar, para manter o Clima Regional da Ilha de Santa Catarina em regime ecológico ativo:

* - Sobre o assunto ver nosso livro GEOECOLOGIA ATMOSFÉRICA, publicado em "Blumenau em Cadernos", ano 1975.

1º — Retirar todas as saídas de esgotos sanitários de quaisquer espécies de dentro do “MAR MEDITERRÂNEO” ou seja o conjunto das duas Baías, para recuperar a sua salinidade original e pureza, e permitir o seu equilíbrio natural pelas precipitações pluviais e desaguadouros de rios, que deverão também ser expurgados de lixo biológico;

2º — Ativar a vida marinha dentro do “MAR MEDITERRÂNEO” para equilíbrio das reações do meio aquático. Há inúmeras formas marinhas que têm HABITAT nas Baías e nas suas margens lameadas por aluviosidade pluvial;

3º — Florestar ao máximo o Clima Regional com plantas nativas e povoar o mesmo florestamento com vidas nativas; (*)

4º — Estabelecer dentro das cidades, no Clima Regional, o Sistema de espaço-solo, para permitir a realização do processo solo-atmosfera;

5º — Transformar todo o Clima Regional em Parque Ecológico sob rígida vigilância geo-ecológica atmosférica. (**)

* - Em nosso livro GEOECOLOGIA ATMOSFÉRICA damos a Regra geral que formulamos para o equilíbrio físico-químico bio-botânico.

** - Temos publicados na Imprensa do Paraná, no ano de 1974-75, dois extensos ensaios sobre as Praias do Clima Regional da Ilha de Santa Catarina.

ADENDO Nº 2 (1)

AS ENCHENTES NO VALE DO ITAJAÍ

A. Seixas Netto

No ano de 1976, seguindo as regras periódicas estabelecidas no ensaio *As Enchentes no Vale do Itajaí*, houve a registrar duas enchentes, atingindo Blumenau, mas com efeito em toda a rede hidrológica do Vale:

13 a 17 de maio - Pequena cheia no Vale, altura média 8 metros.

27 a 28 de maio - Cheia média no Vale, alt. média 9 metros e 20 centímetros.

Embora haja sido efetivado um plano de barragens de contenção da progressão dos rios principais da rede desaguadura na Vala Central do Itajaí, os manadouros e os trechos intermediários, seguindo a sistemática hidrológica da várzea de inundação continuam, a tempos determinados, em condições geometeorológicas favoráveis, a produzir elevação das águas, originando cheias de vulto, o que, em realidade, não pode ser contido. A contenção do curso dos rios não impede, evidentemente, seu aumento volumétrico durante as fases de intensidade climático-higríca. Para o ano de 1976, não haveria cheias de grande vulto, o que, a ser rígida a disposição do trabalho inicial, ocorrerá em 1977.

Deste modo, a razão do presente Adendo ao Trabalho Geral, para que tenham sempre os estudiosos um ponto atual de referência, não só quanto a este mas também aos demais climas regionais do Estado. (2)

1 - Estes Adendos publicados anualmente, completam deixando sempre atual, o Estudo *AS ENCHENTES NO VALE DO ITAJAÍ*, do Autor editado por estas Revistas.

2 - O Autor tem publicado nesta Revista, Ensaio separados sobre cada um dos Climas Regionais do Estado de Santa Catarina.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Hercílio Deeke* - presidente

Edison Mueller - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Christiana Deeke Barreto* —

Isolde Hering d'Amaral — *Rolf Ehlke* — *Nelo Osti*

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

IMPRESSÕES EM OFFSET A CORES



A L I V R A R I A D E S E U F I L H O
R U A 1 5 D E N O V E M B R O , 1 4 2 2 / 2 4 - F O N E 2 2 - 2 6 2 7 - C . P . 6 5 1
I N D Ú S T R I A - R U A A M A Z O N A S , 1 5 0 5 / 3 1 - F O N E 2 2 - 3 6 2 7 - G A R C I A

BLUMENAU - STA. CATARINA